



## Editorial

**Elias Wolff**  
**Kemuel Lourenço Figueira Andrade**

Esta edição da *Caminhos de Diálogos* celebra seu décimo ano de existência com o dossiê intitulado *Ecologia: desafios aos credos e às culturas*. A *Caminhos de Diálogo* foi lançada no segundo semestre de 2013 pela Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A partir de 2016, foi integrada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), mantendo parceria com a comissão criadora do periódico. Em 2018, a *Caminhos de Diálogo* deixou de ser impressa e passou a ser publicada on-line sob plena responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR.

Ampliando o seu legado, este número de *Caminhos de Diálogo* endossa a reflexão sobre ecologia. Reflete sobre a Terra como ser vivo que se desenvolveu ao longo de bilhões de anos e se formou como um dos corpos espaciais do cosmos. A Terra gera e sustenta uma infinidade de formas de vida, dentre as quais está a espécie *homo*. Mas a Terra não se formou exclusivamente para um tipo de espécie. Por isso, a entendemos como casa comum de todas as criaturas, todas as formas de vida e ecossistemas.

É triste constatar hoje as situações de vidas ameaçadas pela ação humana, no desejo arbitrário que o humano tem de impor-se como dominador da vida na Terra. As graves crises ecológicas do nosso tempo, se em parte são consequências de fenômenos naturais, em muito devem-se à intervenção humana no meio ambiente. O desaparecimento de algumas espécies de vida no planeta não se dá apenas por fatores naturais como o processo evolutivo de “seleção natural” proposto por Charles Darwin (1809-1882) e Alfred Russel Wallace (1823-1913), entre outros. Muitas das calamidades ambientais graves têm como causa o modo irresponsável como o ser humano usa os recursos da Terra. Tal é o que se verifica com a água, na extinção de nascentes, na poluição dos ecossistemas, no aquecimento global intensificado pela emissão de gás de carbono na atmosfera, na contaminação do solo por produtos industriais e farmacêuticos, no derretimento das calotas polares, entre inúmeros e graves exemplos das consequências da

interferência humana na natureza, causando o desequilíbrio do curso da vida da criação e o rompimento da fraternidade criatural.

Movimentos ecológicos por relações justas que afirmem o valor das diferentes formas de vida no planeta são, simultaneamente, movimentos sociais que propõem um desenvolvimento sustentável aos povos, com justiça e equidade no uso dos recursos naturais, de modo que justiça ambiental e justiça social se impliquem intrinsecamente. A pobreza e a fome, por exemplo, estão diretamente vinculadas à escassez da água potável em diferentes regiões do planeta, aos desastres naturais, à perda da biodiversidade. Estudos mostram que a degradação ambiental afeta hoje o bem-estar de cerca de 3,2 bilhões de pessoas – ou seja, 40% da população mundial. A perda anual de serviços ecossistêmicos equivale a mais de 10% da produção econômica global.<sup>1</sup> Desse modo, as atuais alterações climáticas estão relacionadas com questões sociais e ambas requerem novos estilos da vida humana na Terra.

Portanto, a compreensão dos impactos socioantropológicos das questões ambientais requer uma leitura transdisciplinar e holística. Elas podem ser compreendidas a partir de diferentes perspectivas, e sua compreensão ampla inclui elementos ambientais, sociais, culturais, políticos e religiosos. Aqui mostramos como isso implica no comportamento religioso das pessoas e nas doutrinas de suas tradições religiosas. A promoção e defesa da vida na Terra interpela a fé das pessoas e das comunidades religiosas, como também de pessoas quem não creem, exigindo reflexão sobre as suas causas e consequências, bem como o engajamento em projetos que buscam superar a gravidade das problemáticas ecológicas. Particularmente às igrejas e às religiões urge a cooperação ecumênica para afirmar a vida na/da *oikoumene*, a casa comum. Isso mostra o vínculo intrínseco entre diálogo ecumênico, inter-religioso, sociedade e ecologia.

Tal é o que este dossiê propõe. Benedito Tadeu dos Santos apresenta *A casa comum: o bem de toda humanidade*, com a proposta de provocar uma reflexão sobre a casa comum, a *oikos*, mostrando como esta temática tem sido contemplada pelas diferentes tradições cristãs ao longo da história. Nunca se fez tão urgente um olhar retrospectivo e a busca por uma espiritualidade que seja ecumênica e ecológica, contemplando com sensibilidade, seriedade e caridade, tudo o que foi criado como dom divino para todas as pessoas. Com a autoria de Gleyds Silva Domingues e Ana Carolina Silva Domingues Palte o artigo intitulado *A perspectiva do mandato cultural e o papel do sujeito ecológico na interface entre cosmovisão cristã e Direito* fala da inter-relação possível entre o mandato cultural e o papel do sujeito ecológico. O mandato cultural é considerado um dos princípios fundamentais do sistema de crença teísta. Ele objetiva que o ser humano atue como o seu promotor a partir da ótica da mordomia, visto que sua diretriz envolve uma ordem específica, a saber: a responsabilidade e o cuidado na preservação e conservação da criação. Edin Sued Abumanssur e Giordano Bruno

---

<sup>1</sup> Informações da Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas. Disponível em <https://conic.org.br/portal/fe-na-vida-publica/iniciativa-inter-religiosa-pelas-florestas-iri>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Noli escrevem sobre *Edenismo e a ecologia da salvação no Brasil colonial*, abordando o aspecto ecológico contido no ideal de salvação cristã que chegou ao Brasil quincentista. As concepções presentes nas mentalidades dos colonizadores remetem ao mito de Adão e Eva e o paraíso perdido que, após ressignificações, se encontraram operantes durante o período e contribuíram para moldar culturalmente uma relação específica entre condição humana, natureza e ideal salvacionista. Donizete José Xavier e Claudio Antonio Delfino escrevem *Em busca de esperança: um diálogo entre o cristianismo e o islamismo acerca da crise ecológica vigente*, mostrando que a bondade, beleza e harmonia são alguns dos traços presentes no universo, especialmente nas narrativas religiosas criacionistas. Por um amor livre e não por necessidade, Deus tomou a iniciativa de se revelar como criador. Infelizmente, nos últimos dois séculos, constata-se o agravamento de uma crise ecológica, com raiz antropológica, que está deformando o universo e a própria pessoa humana, em contradição ao projeto divino. É de se admitir que toda religião tem compromissos com a história humana e do planeta. Encerando o dossiê temático, Afonso Murad e Anderson Silva Barroso nos privilegiam com o tema *Princípios ecosófico nas religiões: uma visão a partir da alimentação*. Na busca por soluções que promovam uma coexistência harmoniosa e sustentável, a ecosofia emerge como ferramenta teórica que reconhece nossa interdependência com todos os habitantes da casa comum. Num contexto sociocultural onde a religiosidade é relevante, um possível caminho rumo a formas mais conscientes e responsáveis de nos relacionarmos com o meio ambiente é identificar pontos congruentes entre os princípios ecosófico e as narrativas das religiões. Esse artigo aborda como o entendimento das religiões sobre a alimentação humana reflete alguns princípios ecosófico, podendo ser utilizado como salutar instrumento de conscientização ambiental.

Além do dossiê, o presente número da *Caminhos de Diálogo* traz outros quatro artigos de temáticas livres. Em *A simbologia sagrada nas alturas: honra a Trindade e honra a Maria*, Maria de Fátima Oliveira, Jean Carlos Vieira Santos, Sirlene Alves da Silva e Hailla Fernanda Ribeiro Ferreira Rombauer analisam a romaria em louvor a Santíssima Trindade dos Pireneus, um evento do catolicismo popular que acontece há quase um século na região da Serra dos Pireneus, cerca de 20 quilômetros da cidade de Pirenópolis, Goiás. Daniel Carvalho da Silva escreve sobre *A sustentação católica do bolsonarismo na Amazônia Legal brasileira*, analisando sobre como, no seio da Igreja católica, efetivam-se os discursos de apoio à extrema direita brasileira que, nos últimos anos, tem se reconhecido na pessoa de Jair Messias Bolsonaro. Vilson José da Silva analisa *A visão de Pedro e Cornélio em Atos 10,1-33 lido à luz da leitura orante da Bíblia como instrumento para superar o fundamentalismo bíblico e promover o diálogo*, com objetivo principal de apresentar o método da leitura orante da Bíblia em alternativa ao fundamentalismo bíblico, e também para promover o diálogo. E Armando Araújo Silvestre, com o artigo *Direitos humanos, diversidade cultural e o Ensino Religioso*, contribui para a discussão sobre a diversidade das manifestações religiosas na escola diante da legislação vigente. A laicidade do Estado indica que ele não é um Estado ateu e que deve

garantir a expressão religiosa, sem proselitismo e com respeito aos direitos humanos e às garantias constitucionais.

O presente número de *Caminhos de Diálogo* traz, ainda, uma resenha, escrita por Luciano Azambuja Betim Blümel, do livro *Uma fé pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum*, de Miroslav Volf. Além das *Crônicas*, a presente edição da *Caminhos de Diálogo* rememora, na seção *Documentação*, o documento *Igrejas e ministério*, lançado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) em 2001. Nele, o CONIC trata dos desafios que as suas igrejas-membro têm de buscar convergências sobre o ministério ordenado.

Nesta edição comemorativa, expressamos aqui nossa *gratidão* a todas(os) autoras(es) da *Caminhos de Diálogo*, bem como aos(às) leitoras(es), editores, membros dos conselhos e avaliadoras(es). Após uma década de publicações, com o objetivo de veicular trabalhos científicos que contribuam para o avanço da pesquisa na área do diálogo entre culturas, igrejas, religiões e espiritualidades contemporâneas, desejamos que esta edição da *Caminhos de Diálogo* aponte caminhos e horizontes ecológicos para as culturas e os credos. Parabéns por seus 10 anos *Caminhos de Diálogo*, que venham muitas décadas de publicações. Boa leitura! ✨